

CLASSE TRABALHADORA E ESPAÇO URBANO: o surgimento do bairro Vila Operária em Teresina(PI) (1928-1950)

José Maurício M. dos Santos* e Solimar Oliveira Lima**

Resumo: o presente artigo se filia ao campo da História Social do Trabalho no esforço de investigar a relação entre a classe trabalhadora e o direito à moradia na cidade de Teresina (PI) na primeira metade do século XX. O objetivo central é estudar a história da formação do bairro Vila Operária e os sujeitos envolvidos no seu processo de constituição; para isso, usamos algumas fontes como relatórios governamentais, atas da Câmara Municipal de Teresina, livro de memória e entrevistas com antigos moradores do bairro.

Palavras-chave: Teresina. Classe trabalhadora. Vila Operária

Abstract: this Article is affiliation to the field of Social History of Labor, in an effort to investigate the relationship between the working class and the right to housing in the city of Teresina in the first half of the 20th century. Our main objective is to study the history of the formation of the district Workers' Village. For this we will use some sources such as Government Reports, Book of Minutes Mayor of Teresina, book of memory and interviews with former residents of the neighborhood.

Keywords: Teresina. Working Class. Workers Village.

1 Introdução

A história da Vila Operária de Teresina, capital do Piauí, começou em 1928, ano da assinatura de um decreto pela prefeitura que autorizou a concessão de um terreno para os operários, depois da linha férrea e do bairro Mafuá, na região centro-norte da cidade. É importante destacar que alguns trabalhos, mesmo o objetivo central não sendo a história da Vila Operária, já deram algumas contribuições historiográficas sobre o assunto, a exemplo dos trabalhos de Francisco Alcides Nascimento (2002), Ana Maria Bezerra Nascimento (2008) e Ana Cristina da Costa Lima (2009).

Segundo Francisco Alcides Nascimento (2002, p. 219), "só na década de 1930 foram tomadas as primeiras iniciativas no sentido da construção de Vilas Operárias na cidade de Teresina." Esta informação é importante porque realmente só encontramos comprovação da construção de casas, no espaço que viria a ser a Vila Operária, durante a década de 1930.

Ana Maria Bezerra do Nascimento (2008) afirma que o bairro Vila Operária foi criado seguindo o modelo das vilas operárias de outras cidades brasileiras; mas ao se verificar o processo de construção do bairro percebemos muitas particularidades. A primeira é que ao contrário de várias vilas operárias que surgiram pelo Brasil a fora, a Vila Operária de Teresina não foi construída pela iniciativa privada de industriais, mas foi estimulada pelo poder público municipal. A segunda particularidade é que a prefeitura doou apenas o

terreno e os próprios trabalhadores fizeram o resto, desde a abertura das ruas à construção das casas. Destaca-se ainda que a maioria das casas era de taipa e coberta de palha, ou seja, em condições precárias de moradia, diferente de muitas outras vilas operárias que foram construídas em outras partes do País. Sobre o surgimento da Vila Operária e os sujeitos sociais envolvidos, Ana Cristina da Costa Lima (2009, p. 27) destaca:

Com base na fala do morador, percebemos que a construção do bairro Vila Operária se deu sob a intervenção administrativa do Estado, que autorizou a ocupação da área e a elaboração de uma planta com a nomeação das ruas, no entanto, coube aos operários o esforço físico e financeiro para que as ruas fossem abertas e as primeiras casas, construídas.

O modelo de Vila Operária adotado em muitas cidades brasileiras, com planejamento e construção a partir de uma ação privada e dotando-as de uma estrutura básica de equipamentos urbanos (creches, clubes, hospitais), parece, portanto, não se assemelhar ao processo de surgimento da Vila Operária teresinense.

Neste sentido, o incentivo para construção da Vila Operária de Teresina partiu do poder público municipal com a doação de um terreno localizado distante cerca de dois quilômetros e meio da região central da cidade. A ideia de higienização do lar e controle sobre o cotidiano do operário parece que não era parte dos objetivos do poder público que idealizou a Vila, como acontecia em outras experiências no País. (RAGO, 1985). O motivo para a construção da Vila estava mais ligado ao

afastamento das famílias do centro da cidade, alvo de embelezamento com a abertura de novas ruas, resultando em uma valorização das áreas que receberam esses melhoramentos.

Até as três primeiras décadas do século XX pode-se dizer que Teresina era uma **cidade concentrada**, tomando emprestado o conceito de Caldeira (2000), onde a maioria da população residia no que se poderia chamar de área central da cidade (entre o Troca-troca e a igreja São Benedito), convivendo, no mesmo espaço, casas de telha e casebres de palha. No entorno do centro, ou seja, em terrenos próximos à região central surgiram bairros como Palha de arroz, Barrinha, Barrocão e Cajueiro; porém, a partir dos anos de 1930, com o avanço do crescimento da cidade e a valorização das áreas centrais, que teve como consequência projetos urbanos que abriram novas ruas e avenidas, a cidade foi crescendo para a periferia. Com isso, os trabalhadores que moravam nessas regiões mais centrais, que passaram a ser objeto de valorização imobiliária motivada pela especulação das novas áreas urbanas, tiveram que migrar cada vez para mais longe do centro, resultando no surgimento de bairros como; Vermelha, São Pedro, Monte Castelo, Ilhotas (na região sul), Vila Operária, Matinha, Por Enquanto, Matadouro, só para citar alguns. Aqui, a outra forma de cidade, centro-periferia, evidencia-se, pois amplos segmentos da população trabalhadora, por conta da valorização dos terrenos, migraram para regiões mais distantes da região central da cidade.

2 A classe trabalhadora e a luta por moradia: o caso da Vila Operária em Teresina

O nome Vila Operária é claramente uma referência às experiências habitacionais que estavam sendo implantadas desde o final do século XIX em outras regiões do País e no mundo. De acordo com relatório da prefeitura de 1936, os terrenos da Vila Operária doados pela prefeitura foram legalizados naquele período. O relatório confirma o ano de 1928 como sendo o marco inicial da doação dos terrenos para a construção do bairro, quando afirma que “fica o prefeito autorizado a mandar expedir títulos de posse de lotes concedidos aos operários pela lei nº 60, de 15 de Maio de 1928.” E, no mesmo documento, também foi dada a autorização para a construção de posto médico, farmácia e mercado público; porém, a construção desses serviços ficou condicionada a “quando existirem, pelo menos, vinte e cinco casas de telhas, na vila operária.”

(TERESINA, 1936b, p. 61), o que demonstra que a maioria das casas do bairro tinha situação precária, construídas com palha e taipa.

Segundo depoimento do operário Antônio Sales (apud NASCIMENTO, F., 2002), a Vila Operária era formada por casas simples, geminadas, e que tinha, no início, apenas uma igreja, uma praça e o centro social.

Chama atenção a participação que a organização operária Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí teve no processo de construção da Vila Operária. A Aliança Federativa era uma entidade mutualista que foi criada em 1905 para prestar assistência social aos seus associados. O interessante é que essa entidade teve uma participação efetiva na construção do bairro, o que fica evidente quando foi sancionada a lei n. 39, de 16 de maio de 1935, onde diz que “a Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí entregará a prefeitura a cópia da Ata de sorteio de que trata a lei nº 51 de 16 de Maio de 1935” e já “com as alterações havidas entre os possuidores dos lotes de terrenos.” (TERESINA, 1936a, p. 61). O controle sobre os critérios de distribuição dos lotes, no qual prevaleceu o sorteio, ficou, portanto, sob a responsabilidade da Aliança Federativa. Assim, podemos considerar que a construção de um bairro operário em Teresina foi uma reivindicação real do movimento operário na cidade, o que veio a se concretizar já no final dos anos de 1920 com a doação dos terrenos pela prefeitura.

A sede da Aliança Federativa também estava localizada na Vila Operária, pois o mesmo relatório de 1936 registra a doação de dois terrenos localizados no bairro para a entidade “destinados a construção dos prédios da sede e da cooperativa da mesma associação.”; e ainda ressalta que “a referida associação fica obrigada a instalar no prédio [...] uma escola noturna para adultos.” (TERESINA, 1936c, p. 39) Na época, era comum as organizações operárias garantirem o funcionamento de escolas, tanto para os associados como para os filhos dos operários, diante da ausência da oferta de educação pública pelos governos. Conforme relato de Dona Maria Rodrigues (2013), moradora do bairro desde 1944, as condições de moradia da Vila Operária eram bastante difíceis:

[...] era mesmo o pessoal pobre que morava aqui que fazia suas casinha, depois foi aumentando, foi melhorando, aí foi fazendo a casinha melhor. [...] era uma aqui outra acolá, era tudo casinha véa, tinha muito terreno vago. [...] Era só os trabalhadores, pessoa pobre mesmo. Casa de palha, feita de taipa, aí foi morando, ajeitando.

Sobre o serviço de luz elétrica e água encanada, ela falou: “Tinha não. Depois foi com o tempo que botaram, tudo era na lamparina. Era difícil. Tudo era na lamparina, tinha uns candieirozim que eles acendiam no poste.” (RODRIGUES, 2013). De forma simples e lúcida, Dona Maria foi descrevendo com riqueza de detalhes a situação na qual encontrou o bairro quando lá chegou em meados da década de 1940, com a inexistência de condições mínimas de moradia, casas de palha afastadas umas das outras, ausência de luz elétrica e de água encanada.

Ana Maria Nascimento (2008) destaca que os moradores da Vila Operária eram principalmente operários artifices da construção civil, sapateiros, funileiros, alfaiates, torneiros, marceneiros, ferreiros e ourives, que trabalhavam em suas oficinas ou em outros estabelecimentos fabris de Teresina. Inclusive, alguns operários da fábrica de fiação construíram suas casas e foram morar na vila. Isso pode ser explicado porque muitos operários que moravam ao redor da fábrica tiveram suas casas removidas pela prefeitura para a abertura de avenidas; e isso aconteceu no mesmo período de construção da Vila (LIMA, I., 2002). Em seu livro de memórias, “Teresina descalça”, Orgmar Monteiro (1987) relata como se deu o processo de “bota abaixo” realizado pela prefeitura, quando várias casas de trabalhadores que habitavam a região, próximo à fábrica de fiação, cederam lugar à construção de duas grandes avenidas.

Recebendo todo o apoio da Fábrica [Fábrica de Fiação e Tecidos Piauiense], principalmente do Engº Raimundo Arêa Leão ou Mundico para os íntimos, seu presidente, promoveu um bota abaixo na abertura das ruas Benjamim Constant e Campos Sales, essas no trecho da Baixa das Éguas na direção leste para oeste até o muro da fábrica na primeira, e ao rio na última (MONTEIRO, 1987, p. 285)

Para esta pesquisa, não se conseguiu mensurar a real relação da Fábrica de Fiação e Tecidos Piauiense com a construção da Vila Operária; no entanto, Dona Maria confirmou que eram muitos os moradores do bairro que trabalhavam na Fábrica de Fiação e Tecidos e em outras profissões, como sapateiros e pedreiros:

Tinha umas que trabalhavam na fiação... Que tinha a fiação onde hoje é ali o Paraíba... é a fiação. Uma fábrica de tecido que tinha aqui... trabalhavam na fiação. E os outros mesmo era pessoa empregado, a pessoa que costurava, tinha uns sapaterim, que naquele tempo não tinha assim. [...] Pedreiro. Naquele tempo não tinha esses emprego assim (RODRIGUES, 2013)

A construção da Vila pode ter sido a solução encontrada para o problema habitacional desses

operários, já que muitos que trabalhavam na fábrica passaram a morar na Vila. É preciso aprofundar as pesquisas para confirmar a relação entre a remoção das famílias operárias do entorno da Fábrica de Fiação e Tecidos Piauiense e a construção da Vila; tarefa que fica para outras pesquisas a serem realizadas.

O depoimento de Antônio Vieira Sales (apud NASCIMENTO, F., 2002, p. 219), ex-operário e sindicalista da construção civil, revelou em detalhes como ocorreu a criação do bairro:

Uma área de terreno bem ali começando na Augusto Ferro pra lá, todas aquelas ruas ali, esta planta eu acho que ainda deve está aí pela casa do Narciso [...] Nós executamos aquilo, compreendeu? Aquelas ruas, na planta, dado pelo Luis Pires Chaves para a gente fazer a vila operária.

Quando o operário afirma que nós executamos aquilo, deixa explícito que participou da construção da Vila Operária; e afirma que o terreno para a construção das habitações foi concedido no governo do prefeito Luis Pires Chaves (1932-1935), já durante o governo do presidente Getúlio Vargas. É interessante que o decreto para a construção da Vila Operária, como ficou confirmado, data de 1928, durante o governo do prefeito Anfrísio Lobão (1925-1929), porém, a memória que permaneceu para Antônio Sales (apud NASCIMENTO, F., 2002) é que foi no governo de Luis Pires Chaves que o terreno foi doado aos operários; certamente porque nesse governo a construção efetiva do bairro teve início.

Francisco Alcides Nascimento (2002, p. 219) caracteriza a construção da Vila Operária como um “ordenamento da cidade, realizado de forma autoritária e excludente” que estava associado ao afastamento da população trabalhadora do centro de Teresina, tendo em vista que a área onde foi construída a vila localizava-se após a linha férrea, em uma região isolada e distante da região central da cidade.

No depoimento, Antônio Sales (apud NASCIMENTO, F., 2002, p. 220) disse que:

Todas aquelas ruas nós abrimos [...] quando a gente arranjava um dinheirinho dava um empurrão, né? [...] quando já tinha aberto as veredas com os nomes das ruas, de acordo com a planta, fizemos uma missa [...] para chamar a atenção do povo que ninguém acreditava que a gente fizesse, era mata maciça. Tuncunzal, compreendeu?

Pode-se inferir, portanto, que, além de ter participado da construção da Vila desde a abertura da mata para a construção das ruas, possivelmente, Antônio Vieira Sales também tenha

morado no bairro que ajudou a construir. Esse indício pôde ser observado quando ele afirmou que “quando a gente arranjava um dinheirinho dava um empurrão, ne?”, falando supostamente da construção da sua casa. Depois de limparem a área, o terreno foi dividido em lotes e distribuído aos operários. Outro fato evidente no relato do líder sindical Antônio Sales é que, mesmo que o decreto doando o terreno tenha sido assinado em 1928, foi somente a partir de 1932 que a Vila Operária passou a ser erguida - primeiro, com a limpeza do terreno e, depois, com a abertura de ruas e a construção das casas de palha e taipa.

Com a saída de Leônidas Mello do governo estadual e a entrada de Rocha Furtado (1947-1950), pertencente à União Democrática Nacional (UDN), os lotes deixaram de ser distribuídos, conforme afirmou o ex-sindicalista. É importante registrar que Antônio Vieira Sales, assim como o ferreiro Ney Baumann, era um sindicalista que apoiava as ações do governo estadual, fazia parte do campo do sindicalismo “amarelo”, ou seja, era um aliado do Governo Vargas. Ele foi presidente do Sindicato dos trabalhadores da construção civil e fez parte da direção do Centro Proletário de Teresina - este último fundado em 1904.

As atas da Câmara Municipal de Teresina da década de 1930 revelam um pouco das características do bairro e dos problemas enfrentados pelos trabalhadores que lá moravam. No pleito eleitoral de 1936, quatro operários foram eleitos vereadores, dentre eles, o ferreiro e líder sindical Ney Baumann, que permaneceu como vereador até novembro de 1937, quando o golpe instalou o regime autoritário chamado de Estado Novo, que dissolveu os parlamentos em todas as esferas de governo. Após o fechamento da Câmara Municipal de Teresina, Ney Baumann, que era aliado do governo, foi indicado prefeito de Campo Maior.

3 O líder sindical e vereador: Ney Baumann e a Vila Operária

Nas atas da Câmara Municipal, estão registrados os discursos e as proposições de ações para dotar a Vila Operária de alguns serviços públicos, como escolas, campo de futebol e transporte coletivo. Durante o ano de 1936, um dos assuntos que foi pauta das discussões da Câmara Municipal foi o transporte público. Teresina crescia sua zona urbana, novas casas e bairros surgiram nas zonas periféricas da cidade e logo o transporte público se tornou uma necessidade para os amplos

setores da população que precisavam se deslocar pela cidade.

A distância de alguns bairros para o centro era razoável, o que trouxe a necessidade de a população ter acesso ao transporte coletivo para se locomover para chegar ao trabalho e demais afazeres. Durante os anos de 1920, foi inaugurado um sistema de transporte público por meio do bonde; no entanto, o serviço não durou muito tempo (NASCIMENTO, F., 2002). Já na década de 1930, com a massificação do automóvel, o ônibus passou a ser uma alternativa de transporte público. A ata afirma que:

Foi lida também uma mensagem do Sr. Dr. Prefeito Municipal sobre a empresa de auto-ônibus, pedindo autorização para contractar com quem melhores vantagens oferecer, mediante concorrência pública, a realização do serviço de transportes nesta capital, pois segundo chegou ao seu conhecimento a empresa de auto-ônibus, que actualmente faz o serviço de transportes em Teresina, deseja ausentar-se por falta de uma subvenção por parte do município (TERESINA, 1937, p. 11).

Nesse período, foi indicado pelo interventor como prefeito de Teresina o Dr. Lindolfo Monteiro, que assumiu o governo no ano de 1935. Pelo fragmento citado acima, já no ano de 1937, Teresina contava com um sistema de transporte público prestado por uma empresa privada, que, por causa de supostas dificuldades financeiras e reclamando da falta de incentivo financeiro por parte da prefeitura, abandonou a exploração do serviço; e, por isso, o prefeito solicitou que a Câmara abrisse nova licitação para contratar outra empresa para assumir o serviço de transporte público da cidade. O sistema contava com apenas três ônibus da marca Ford, comprados com finanças da prefeitura. Sobre o assunto está registrado em ata que:

O Vereador Raimundo Ney Baumann disse que em nome dos quatro operários da Câmara desejava e requeria que o contrato a ser lavrado ou a lei a ser elaborada a respeito, ficasse contatada a obrigação do contratante a ter linhas permanentes para os bairros Cajueiros e Villa Operaria, ou, pelo menos, suas imediações, pois exactamente nesses lugares é que mora o maior numero de proletários (TERESINA, 1937, p. 11).

Duas interpretações deve-se fazer do discurso do vereador Baumann: o primeiro é que, já em 1937, a Vila Operária contava com uma quantidade razoável de habitações e de famílias operárias; a segunda inferência é que a antiga empresa não tinha linhas circulando por esses bairros dos subúrbios, causando a reclamação da população que ali residia. Outro projeto apresentado por Ney Baumann destinado a dotar a Vila Operária de

serviços públicos foi a construção de um escola. Baumann defendeu que o nome da escola levasse o nome de Pires Chaves, que foi prefeito de Teresina e, no seu governo, deu-se início à construção de casas na Vila Operária.

O Vereador Raimundo Ney Baumann apresentou um projecto mandando construir um grupo escolar na praça principal da Villa Operária, que se denominará Grupo Escolar Pires de Castro e abrindo credito de Rs. 12:000\$000, para occorrer as despesas com o mesmo serviço. [...] Que quanto ao nome de Pires Chaves para o Grupo Escolar que será construído na Villa Operária, não é favor, é a justa e sincera homenagem a que Pires Chaves tem direito pelos seus relevantes serviços prestados aquela Villa, ao operariado que hoje possui terreno n'aquela local (TERESINA, 1936, n.p).

Percebe-se, portanto, uma preocupação do verador Ney Baumam de dotar alguns bairros operários, especialmente a Vila Operária, de alguns equipamentos urbanos que melhorassem a vida dos trabalhadores. Conforme Dona Maria Rodrigues (2013), quando foi morar na Vila Operária, já “tinha o Dom Severino [escola], que era bem ali na rua Amazona, aí nessa alameda Parnaíba.” Dom Severino é uma escola localizada no bairro e que, possivelmente, foi a primeira escola pública da Vila Operária, porque, como ela mesma afirmou, “[...] quando eu cheguei aqui já tinha essa escolinha lá.”

Segundo Daniel Sólón, o analfabetismo afetava a grande maioria da população teresinense, notadamente os trabalhadores e seus filhos. No artigo “Os sons que vêm do subúrbio”, ele afirma que “o recenseamento geral de 1950 revelava que 47.463 dos 76.402 moradores de Teresina (com idade acima de 5 anos), não sabiam ler, nem escrever. Dentro da zona urbana da capital piauiense, dos 43.830 moradores nesta faixa etária, apenas 24.832 eram alfabetizados.” (BRANCO; SOLON, 2011, p. 69); portanto, mais de 40% da população de Teresina era analfabeta. Eram poucas as escolas, principalmente na periferia, e, por isso, algumas associações operárias como o Centro Proletário, mantinham suas próprias escolas para educar os associados e seus filhos.

4 Conclusão

Acredita-se que este breve texto contribuiu para aprofundar as reflexões sobre as particularidades históricas do surgimento da Vila Operária em Teresina. A primeira conclusão a que chegou é que o surgimento da Vila Operária foi resultado de uma

intervenção do poder público municipal na política habitacional, ao contrário de muitas vilas operárias de outras regiões do País. A Vila Operária surgiu, portanto, como um projeto de afastamento da população das regiões centrais da cidade. Ficou claro também que a construção do bairro e o controle sobre quem teria acesso à moradia ficou sob a tutela da organização operária Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, e isso leva a refletir sobre a força que o movimento operário tinha para defender os interesses dos trabalhadores e interferir nas políticas públicas, sem entrar no mérito da dependência e independência da organização frente ao Estado, o que acaba por evidenciar que a questão da moradia era uma reivindicação importante do movimento operário teresinense no período ●

Referências

- BRANCO, J. V. C.; SOLON, D. V. Os sons que vêm do subúrbio: amplificadoras e sociabilidades na periferia de Teresina nos anos 50. In: BRANCO, J. V. C.; SOLON, D. V. *Histórias em poliedros: cultura, cidade e memória*. Teresina: Edufpi, 2011. p. 55-78.
- CALDEIRA, T. P. R. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000.
- LIMA, I. M. M. F. Teresina: urbanização e meio ambiente. *Scientia et Spes*, Teresina, v. 1, n. 2, p. 181-206, 2002.
- LIMA, A. C. C. *Práticas de devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na Vila Operária, Teresina - PI*. 2009. 213 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.
- MONTEIRO, O. *Teresina descalça: memória desta cidade para deleite dos vinhos habitantes e conhecimento dos novos*. Fortaleza: [s.n.], 1987.
- NASCIMENTO, A. M. B.. *Trabalhadores e trabalhadoras no fio da história das práticas e projetos educativos no Piauí (1856-1937)*. 2008. 158 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.
- NASCIMENTO, F. A.. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.
- RAGO, M. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RODRIGUES, M. T. Depoimento concedido ao pesquisador José Maurício Moreira dos Santos. Teresina, 27 de novembro de 2013.
- TERESINA (Piauí). *Ata da Câmara Municipal de Teresina*. Arquivo da Câmara Municipal de Teresina, Teresina, 22 maio 1936.
- TERESINA (Piauí). *Ata da Câmara Municipal de Teresina*. Arquivo da Câmara Municipal de Teresina, Teresina, 23 abr. 1937.
- TERESINA (Piauí). *Relatório Governamental da Prefeitura Municipal de Teresina*. Arquivo Público do Piauí, Teresina, 16 maio 1936a.
- TERESINA (Piauí). *Relatório Governamental da Prefeitura Municipal de Teresina*. Arquivo Público do Piauí, Teresina, 22 jun. 1936b.
- TERESINA (Piauí). *Relatório Governamental da Prefeitura Municipal de Teresina*. Arquivo Público do Piauí, Teresina, 25 jun. 1936c.

* Graduado em História, especialista em história na área, “Estado, Movimentos sociais e Cultura” pela UESPI, mestrando do programa de História do Brasil da UFPI e professor da rede pública.
** Professor da Universidade Federal do Piauí, do Departamento de Ciências Econômicas, programa de Pós-graduação em História e Núcleo de Pesquisas sobre Africanidades e Afrodescendência.